



Semanário monarchico integralista
(Litterario e Noticioso)
Orgão e propriedade da
Junta Municipal de Guimarães
Redac. e Adm.: AVENIDA DO COMERCIO

VISITAÇÃO
*Pardiez! siete arrepelones
Me pegaron á la entrada
Mas yo di una puñada
A uno de los rascones*
VAQUEIRO

Director:
D. José Ferrão.
Adm. e Editor:
Domingos F. Guimarães.
Comp. e imp.: MINERVA RIBEIRO
Rua de Gil Vicente, 31 e 36—GUIMARAES

A JORNADA GLORIOSA

Orgulhoso na sua omnipotencia, cioso e avaro dos seus misteriosos segredos, o velho mar viu passar um dia, e pela vez primeira, no seu dorso altivo as naus garridas da lusa gente.

Indomito, esbravejou, espumou de colera, mas não venceu. Mais de uma vez delatou, mais e mais a fauce escancarada, mostrando o abismo, absorvendo vidas; mas as naus, mais e mais numerosas, vão repassando indiferentes á resaca e aos turbilhões. Os marinheiros cantam trovas portuguezas sobre o elemento, desprezando os seus rugidos. Não os intimida a voz possante e rouca do Adamastor, e o gigante ameaçador do continente negro vê-os passar ao Oriente, vê-os voltar ao Tejo, — o formoso Tejo que é, na sua estatura colossal, jamais viu através das espessuras da velha Libia.

A «cidade do marmore», a donairoza rainha do oceano, vê as mais lindas perolas orientais engastadas na sua corôa; revê-se na magna vastidão dos seus domínios e recebe a vassalagem dos sobas e dos potentados.

Estava completa a nobre e sublimada aspiração do Infante de Sagres. Os nossos impavidos argonautas haviam levado a bemluz da civilização cristã ás mais remotas paragens. Iregiram templos e fortalezas.

Pagodas e Mesquitas foram transformados em templos cristãos. A torpeza dos cultos respondeu a Liturgia. As donzelas indianas, de brancas vestidas, entoavam alto canticos ao Deus crucificado.

A sublevação dos rebeldes respondia a eloquencia das bombardas, cujo eco se repercutiu mil vezes em Diu, Ceilão ou Malabar. Estava criado o nosso imperio, accentuado o nosso dominio nas imensas plagas do Oriente. As Quinas tremulavam ainda no torrão uberrimo e abençoado Brazil, nas ilhas e nos continentes.

Depois... adormecemos no auge do fastigio e á sombra da Gloria. As nações, algumas das quais exerceram a pirataria, antes, ao tempo e depois das nossas conquistas e descobertas, lançavam olhares cubicosos sobre a infinita grandeza do nosso patrimonio. Em muitas conquistas a nossa bandeira foi substituída pelas bandeiras franceza, holandesa, inglesa, cedendo assim á argucia das con-

venções, aos erros funestos da diplomacia. O Brazil proclamou-se independente, ficando, todavia, sempre, nosso amigo e no-so irmão.

Nun'Alvares, os filhos de D. João e tantos outros herois em quem poder não teve a morte, abençoados pelas gerações, sabiram ao Monte Santo.

Quasi extinta a raça dos herois, accentuou-se a nossa decadencia, cuja personificação se viu e vê nos adversarios do Prior do Crato, nos assassinos de D. Carlos e seu augusto filho, nos vencedores de 1910, nos assassinos de Sidonio Pais, nos que concorrem para a nossa descabida comparticipação na guerra e finalmente em todos ou quasi todos que sob o repeleite aspecto de viboras ou salamandras, usos ou tigres, milhafres ou corvos, nos dominam e oprimem, nos representam e des-acreditam, aqui ou além fronteiras.

Do meio de tamanha depressão de caracteres, de tantas e tantas aberrações de seres humanos, do meio de tão desoladora esterilidade da raça dos tempos idos, de tempo em tempo e uma vez ou outra, surgem vultos luminosos: além, já muito além, os herois de 1640, ontem, Couceiro, Silva Porto, Mousinho, Roçadas; hoje, Coutinho e Cabral!

Gago Coutinho e Sacadura Cabral! Eis a flor da fina raça do nosso jardim á beira-mar plantado!

«Quem jámais sondou as misteriosas profundezas do oceano?» E eu pergunto:

— Quem jámais sondou as inacessiveis regiões aerias, de-vassando as suas incmensuraveis distancias!

Nações do mundo, cujas atenções se prendem á mais sublime das aventuras, — curvai-vos ao Geni!

Patria, minha Patria! Exalta e... espera. Não é ainda extinta a raça dos teus salvadores, e o sangue dos teus maiores ainda circula em alguns vasos do teu corpo social.

A tua cruz bemluz, a cruz do Infante, lá foi, lá vou, espaço além, levada por dois dos teus mais dignos filhos, e, suave e silenciosa, pousou em Santa Cruz, a abençoada terra dos nossos irmãos mais novos. Exalta na grandiosidade da apoteose de que és objecto por parte dos teus geniais aviadores. E lembra-te, para tua con-

solação, que este feito glorioso é digno de excitar a inveja, a treva e o Olimpo. Durante o atrojadissimo trajecto, como N. puno dizia a Jupiter:

— «Fulmina-os e... entregamos...»

Mas... nem deuses, nem elementos puderam suster a maravilhosa travessia.

Joaquim Alves Rodrigues.

Que cousa é o PROGRESSO

Todos nós, os que andamos empenhados na luta contra a Democracia, na propaganda da Verdade Monarquica, encontramos repetidas vezes, na nossa frente, como adversarios, bons democratas que, não podendo opôr argumentos valiosos ao nosso raciocinio, que se baseia nos ensinamentos da Historia, pretendem arrasac-nos proferindo, em todos os tons, esta palavra magica «Progresso».

Atacamos, com o vigor e o desassombro que nos caracteriza, a tremenda burta republicana; fazemos a apologia do regimen monarchico, mostrando a grande superioridade deste sobre aquele. Veem logo com a cantiga do «Progresso»: que sim, temos muita razão, os nossos principios são, em teoria, muito bonitos. Mas que é necessario vermos que «não se pode andar para traz», que é preciso acompanhar o «Progresso», etc., etc.

Pedimos, então, a esses «progressistas» que nos expliquem o que quer dizer esse palavão: Progresso. Não respondem coisa que se aproveite: é o «Progresso», porque é... Mais nada.

Ficamos na mesma...

Apontamos-lhes os erros e os crimes tremendos da Democracia. Lá vem outra vez o palavão: — que esses erros, esses crimes devem-se á falta de preparação do povo, ausencia de comprehensão do verdadeiro «Progresso»; que a época, em que te nos a desgraça de viver, é uma época de transição, é como a antecâmara do autentico «Progresso» do verdadeiro Paraizo terreal.

Em tudo e por tudo, lá vem, sempre, a palavra magica, cuja significação os proprios que nela a-redditam ignoram.

Já fartos de procurar uma definição «Progresso», que vos satisfizesse inteiramente, resolvemos consultar um dicionario da Língua Portuguesa e lá achamos: «movimento para diante»...

Por esta é que nós não esperavamos!... Ficamos abismados com a nossa crassissima ignorancia. Rompera-se o véo que nos impedia a visão nitida das coisas.

E então passamos em revista os doze felicissimos anos de governo republicano. Teem razão os que creem no Progresso. Rialmente, em republica tudo progrediu, tudo cresceu, tudo se movimentou para diante; as nossas enormissimas dividas, os pre-



Salve!

A Patria vive, enfim, momentos venturosos
Nessa epopeia andaz, por vossas mãos escrita
Atravez da amplidão, na abóbada infinita,
Em genias clarões, intensos, gloriosos!

O passado floresce em haustos radiosos
Duma excelsa beleza, olimpica, bendita!
Nessa imortal jornada a Santa Cruz, palpita,
A grande alma dum povo, em traços luminosos!

De Cristo, erguendo a Cruz, á vastidão astral,
Acabais de escrever na luzitana História,
Uma pagina mais, e-plendida, imortal!

Salvé! Salvé! Herois que haveis fundido o gelo
Da deserença na Raça! A luz da nova Gloria
Ressurgê Portugal, mais épico, mais belo!...

J. R. Lourenço.

ços dos alimentos e dos vestuários, a impiedade, os roubos, os assassinos, as greves. Em suma progrediram imenso a pouca vergonha e o crime!

E assim comprehendemos que cousa é o Progresso...

Henrique N. Carvalho.

S. Cristóvão

NA LENDA E NO SONHO

A Lenda é a fantasia do que foi;
O Sonho é a fantasia do que ha-de ser.

(Continuação do n.º 145)

E o gigante já não chora como dantes sobre a inextinguível maldade humana. O mal existe, existiu sempre no mundo desde a primitiva queda no Paraizo da Graça; éle é que fez realçar o Bem, e as virtudes são tanto mais apreciaveis nos povos como nos individuos quanto mais demoradas e amargas são as consequências do Mal.

Mas, sentado á sombra esguia de um choupo solitario que mal lhe cobre os fartos cabelos cõs de louro seco, por entre os arcos ogivados de um gigantesco aqueduto, éle avista a grande cidade que se espalha como um vasto e encafelado oceano de cubica alvadia até ao rio largo, coalhado de formidaveis monstros de aço que en-sombram o azul do céu com o fumo negro das suas chaminés.

Assim parado, e como que absorto nos horizontes tristes, seus olhos fixam-se primeiro na terra árida da serra e nas ondulações pedregosas que se estendem ao norte e ao oriente, depois os casabres cariados e sujos que rondam o aqueduto, e mais para o sul, á luz violenta do ultimo sol do verão, as claraboias dos palácios reverberavam como as joias policóricas de uma joalheria fantástica.

Pensou então na vida triste que os homens arrastavam no materialismo degradante com que se deixavam embrutecer, na iniquidade das leis que chumbavam

uns ao trabalho e á miseria como forçados ou os cumulavam de riquezas e de honrarias, na vaidade e na soberba dos homens, na falsidade daquela ruidosa opulência na grande sede de ouro e de gozo que concentrava ali tão numerosas gentes, na fatal atracção que a cidade exercia nos corpos e nas almas e os combalía a todos da mesma danada ânsia de prazer e de ociosidade.

Erguendo o imenso corpo a toda a altura do mais elevado arco do aqueduto, Cristóvão levantou no ar o grande braço e o seu rijo punho cerrado eclipsou por momentos o sol que já tombava para além do mar distante.

Porque tinham esses homens um tão entranhado horror ao trabalho?

Ele, que noutros tempos poderia derrubar os castelos e expor-priar em seu proveito toda a riqueza, cavara as terras de pão e de vinho, carregara pesados fardos, substituiria as pontes pelos seus rijos braços e, sempre contente, praticara com alegria os mais rudes misteres, — e sempre o trabalho fóra um grande conforto para o seu generoso coração de sacrificado.

O doce Jesus divinizara o trabalho por suas próprias mãos, e os santos apóstolos levaram a toda a parte, com a palavra de Deus, a paz e a abundancia na virtude redentora do labor humano.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL E AGRÍCOLA

Faz pena que um relatório se não faça.
Seria um documento de estudo e consulta

Graças ao magnífico Relatório da Exposição Industrial de 1884, nós sabemos qual a linha de evolução percorrida pela nossa industria concelhia. Esse apreciável trabalho de documentação e de estatística que o superior espirito do dr. Alberto Sampaio então organizou, representa um esforço e um estudo de quem sabia o que significava um certamen expositivo, sob o ponto de vista demonstrativo e educativo. Pelas noticias tam amplias e tam descritivas que a imprensa da época publicou e que o Relatório da exposição de 84 transcreve, vê-se que ainda o palacio de Vila-Flor não havia encerrado as portas á grande e inolvidavel Festa do Trabalho concelhio de então e já o Relatório — um volume de 255 paginas — estava sendo impresso para ir dizer ao resto do país o que valia no concerto do fomento e riqueza nacional esta terra de fundas raizes tradicionais, — gloriosa pelos seus feitos de armas e actividade produtiva da sua população.

A exposição de 1923 não terá, pelo que sabemos, um relatório oficial. O Sr. Ministro do Comercio já nomeou um commissario junto da Exposição Industrial e Agrícola de Guimarães; mas, ou me engano muito, ou este delegado do governo não passará... de um commissario platonico. E digo porquê: *por falta de elementos de estudo; cifras e numeros de estatística; recursos historicos do trabalho concelhio.*

Em 1881 o governo mal

Ha quanto tempo, porém, os honens nas suas leis se tinham esquecido dos ensinamentos de Jesus! Por isso o trabalho que devia ser para todos era infamado e relegado apenas para alguns, como coisa vil; metade dos homens foram sacrificados em nome da liberdade para que a outra metade tivesse garantido o luxo e o repouso.

E naquela Babilonia do pecado quasi nada se produzia que não fosse destinado a aumentar o luxo e provocar a revolta; os próprios trabalhadores cavavam assim inconscientemente a sua degradação e a fatal ruina de todos. Mas pela bocarra negra do túnel, longas filas de carruagens, puxadas por locomotivas possantes, se enfiavam a todas as horas deslizando rapidas sobre barras de aço paralelas, furavam ligeiras as entranhas da cidade e despejavam lá em baixo o humano recheio, diligentemente carregado de todos os recantos provincianos pela drenagem metódica e convidativa do comboio.

(Continua).

A luta contra a república deve ser feita por todos os bons portugueses que acima de tudo colocam o bem nome e interesse da sua Patria!

a percebido do empreendimento desta esquecida terrinha portuguesa, mandava aqui, á pressa, um delegado, ver a exposição — que foi a primeira, no país, *com caracter concelhio.* E esse delegado, confessando a sua admiração, reconheceu, á face do inquerito nacional ás industrias elaborado em 1882, — *que esse inquerito estava errado, quanto ao valor industrial deste concelho, pois até muitas modalidades de trabalho ali se não mencionavam!* Contudo, o relato deste delegado oficial não marcou; e não podia marcar como base, como estrutura, como recurso de estudo, porque não passou de uma impressão *de vista d'olhos*

Seguir o exemplo da Feira do Porto, fazendo apenas um anunciador. — é pouco! São decorridos 39 anos depois que o concelho fez a primeira exposição. Que uso fizemos deste largo período? A quantos seculos andamos desviados dos moldes tradicionais? Quantos velhos misteres perdemos e quantas novas industrias criamos? Conviria retomar o eixo da gloriosa fama produtora dos linhos? Qual comparativamente ás duas etapas percorridas, a tecnologia e a processologia do ensino industrial? Como foi percorrida a curva de evolução pelos nossos industriais de couros, cutelaria, pentes, calçado e outros?... E tantos outros aspectos e ilações que só um relatório *feito por quem tivesse bagagem de conhecimentos* podia com muita utilidade tratar e desenvolver.

A. L. de Carvalho.

Integralismo Lusitano

Junta Provincial da Beira-Maritima — Junta Municipal de Coimbra

Em Coimbra, a Rainha do Mondego, organizou-se a Junta Municipal para a propagação dos principios do I. L., que ficou assim constituída:

Presidente: Pedro Maria dos Santos Euzebio, capitalista;
Secretario: Antonio Juão de Quintanilha Mantas, estudante;
Tesoureiro: Antonio Augusto da Fonseca, official do exercito;
Voga's: Armando Pereira Magno, proprietario, e Alípio dos Santos Fonseca, comerciante.

Integralistas dedicados, muito ha a esperar da sua acção na nobre cidade de Coimbra, propagando os seus principios do Nacionalismo e contribuindo, ao mesmo tempo, para a restauração de Portugal pela Monarquia das Corporações e dos Municipios.

O «Gil Vicente» envia aos denodados pioneiros da Causa do Resgate as mais sinceras felicitações.



«A resolução do problema politico trará consigo a solução do problema moral e logicamente o problema economicó nos seus dois aspectos principais: moral e politico ficará solucionado.

Todo o português para quem o amor da patria não tem apenas o aspecto sentimental e literário, que tantos lhe dão, antes procura ser activo e aspira a consumir-se no serviço da Nação, tem por isso o dever de trazer para a solução da crise politica portuguesa boavontade e esforço pelos menos igual ao que costuma pôr na consecução dos seus fins particulares.

Ser *nacista* é trabalhar no serviço da Nação. Só assim o patriotismo atinge o maximo de potencial, deixando de ser uma palavra vã, sentimental e romantica, para constituir uma afirmação de vitalidade, de acção.

A representação nacional para ser organica e verdadeira deve, pois, dar lugar tambem ao principio profissional.

Assim as Côrtes antigas das três ordens virão a ser constituídas por representantes das regiões, dos municipios, por um lado, por representantes das corporações do Trabalho, por outro, ficando assim devidamente representados os dois principios fundamentais da Nação: o territorio, a região e o trabalho.

Por este processo não só se conduz a Nação pelos seus caminhos tradicionais, como se restitue á vida politica nacional a sua verdadeira face e se evita a luta nefasta dos partidos politicos, verdadeiros bandos de quadrilhas, que são naturalmente levados a sobrepôr o seu proprio interesse, interesse de facção, ao Interesse Nacional.

Garcia Moreno.

Orpheon de Guimarães

Constituiu mais um triunfo para o nosso excelente grupo coral a recita que o mesmo levou a efeito no teatro de S. João, da cidade do Porto, no pretérito dia 21 do corrente.

Podem-se orgulhar Guimarães do triunfo obtido, porque todos os louros que corodem o nosso Orpheon são outros tantos titulos de gloria para todos nós, para a nossa linda terra.

O nosso Orpheon tem sabido manter os seus créditos, os seus primitivos triunfos, muito se devendo á grande dedicação que o seu regente e nosso amigo sr. alferes Artur R. Dantas, lhe tem consagrado, dedicação sem limites, dedicação desinteressada. É um vimaranense que ama a sua terra e trata de engrandecê-la com o seu esforço. Porque é necessario saber-se que para se poder manter um grupo orpheonico nas condições do nosso, muito esforço se tem de dispendir, muita dedicação se tem de consagrar, muita arrelia se tem de sofrer.

Aos rapazes do nosso Orpheon, ao seu illustre regente, a todos, enfim, as nossas saudações entusiásticas por mais este triunfo que, certos estamos, não ha-de ser o último.

Cardeal-Patriarca

Completo 81 anos na segunda-feira, 18, Sua Eminencia o Senhor D. Antonio Mendes Bello, Cardeal-Patriarca, que foi muito felicitado por inumeras pessoas de todas as classes sociais.

O «Gil Vicente» ass ciando-se ás homenagens prestadas, dirige ao Céu as mais fervorosas supplicas pela felicidade temporal e espiritual do Venerando Purpurado.

Imprensa

«PORTUGAL»

Rec-bemos a visita deste distinto e brilhante colega de Lisboa, orgão da Acção Nacionalista, b lamente colaborado e ex-celente a-pecto grafico.

Defensor da ideia nacionalista e dos principios da Ditadura Nacional contra as quadrilhas politicas que infestam a nossa Terra, prega a Revolução Nacionalista que «possa redimir-nos e lançar-nos no caminho da grandeza e da gloria».

Com os nossos mais affectuosos cumprimentos de boas-vindas, agradecemos e vamos permutar.

«JORNAL DE CABECEIRAS»

Passou mais um aniversario da sua publicação este nosso prezado colega de Cabeceiras de Basto, a quem, por tal motivo, enviamos as nossas muito sinceras felicitações.

Senhora da Lapinha

Veio no passado domingo á nossa encantadora Penha a tradicional Ronda de Nossa Senhora da Lapinha, que, como de costume, ali áhi áquele formoso local grande concorrencia de fiéis.

Grande Romaria de S. Torcato

Como nos demais anos, é no proximo domingo, 1 de Julho, que se realiza esta importantissima e caracteristica romaria, sem duvida a maior do norte do país.

Sabemos que a Meza se empenha por a tornar deslumbrante, quer nas solenidades religiosas em honra do Mártir S. Torcato, quer nos coros de Virgens coordenados de lindos numeros de musica, quer ainda nas feéricas illuminações a capricho como no fogo de

CARTILHA MONARQUICA

CARTILHA DO OPERARIO

PREÇO DE CADA 500 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

Ex.mo Snr.

Peregrinação a Lourdes

EM 25 DE MARÇO DE 1924

COM PAGAMENTO
• A PRESTAÇÕES •

Peçam-se informes á

AGENCIA STELLA, LIM.ª

3, Travessa do Alcega — L. SBOA
222, R. Sá da Bandeira — PORTO

artificio confiado aos mais afamados pirotecnicos do país.

Não precisam de reclame os festivais nocturnos de tão tradicionalissima romaria. Os forasteiros, á medida que os anos passam, aumentam consideravelmente, uns para gosarem a amenidade do local pitoresco e frondoso, a paisagem multicolor dos campos, a poesia cantante do nosso povo desfiando cantigas ao desafio num rodopiar constante e alegre, esquecendo as agruras da vida e as miserias do mundo; outros, a maior parte, na satisfação da promessa ao Santo que os salvou da morte ou lhes tornou mais risonho o sonho da felicidade, trazido em realidade.

E' assim a Grande Romaria de S. Torcato, tam concorrida que, no Porto, estão annunciadas carreiras de camions ao preço de escudos 1500 ida e volta.

Lembramos á dignissima Mesa para se não esquecer de mandar policiar, para segurança de quem pó-la visita, o respectivo local, pois na romaria pequena foram tam avultados os *desvios* ou *alcances* — agora é mania chamar-se ao roubo por estes nomes talvez para não «melindrar a profissão» dos senhores gatunos de carteiras ou os de Estado-pelintra...

Não seria desacerto confiar o policiamento ás autoridades judicarias de Braga e Porto. E isto cá por ceias...

Caixa G. dos Depósitos

Desde o dia 2 de Julho futuro serão aceites na Agencia da Caixa Geral dos Depósitos, desta cidade, as cadernetas da Caixa Economica Portuguesa, a fim de nelas serem escripturados os juros capitalizados e relativos ao ano economico de 1922-1923.

Senhor da Agonia

Realiza-se hoje a festividade ao Senhor da Agonia, no lugar da Cruz de Pedra, haven lo arrial e bazar de prendas com certamen musical entre as bandas dos Bombeiros Voluntarios desta cidade, e a Revelhe (Fafe). Costuma ser muito concorrida.